

ENGAJAMENTO E MILITÂNCIA: LITERATURA NEGRA DE AUTORIA FEMININA E A FUNÇÃO SOCIAL DA POESIA

Joelia de Jesus Santos (Pós-Critica-UNEB)

Resumo: O presente trabalho trata-se de uma investigação sobre a literatura negra de autoria feminina enquanto forma de des-silenciamento da mulher afro-brasileira no discurso literário visibilizado pelas grandes editoras. Em vista disso, objetiva-se mapear quais editoras na Bahia têm lançado obras literárias de autoria negra feminina entre 2010 a 2018, enfatizando e descrevendo a importância da edição gráfica realizada por editoras menores na publicação de uma literatura alternativa, que vem pluralizando os discursos literários com a inserção de vozes emergentes. Para tanto, fez-se um levantamento dos trabalhos relacionados ao tema em estudo, bem como um necessário recorte do material levantado, na tentativa de melhor revelar a existência de um mercado editorial baiano que, em certa medida, tem fomentado a cultura negra ao oportunizar que escritoras afro-baianas publiquem suas produções literárias, sem deixar de exprimir um posicionamento político em sua textualidade. Espera-se nesse estágio inicial da pesquisa, tanto entender o conceito de edição gráfica a partir do laboratório Fábrica de Letras, quanto aprimorar a construção do objeto de pesquisa e, conseqüentemente, o procedimento teórico metodológico adotado. Interpelar o conceito de edição é sobretudo compreender as razões pelas quais escritoras baianas, apesar de possuírem um projeto literário representativo, não conseguem se lançar nas letras, senão através de editoras, criadas muitas vezes com o propósito de fazer frente à literatura hegemônica.

Palavras-chave: Literatura negra. Edição gráfica. Editoras

INTRODUÇÃO

Produzir literatura em um país como o nosso, onde 44% da população não lê e 30% nunca comprou um livro, de acordo aponta os resultados da pesquisa Retratos da leitura no Brasil (2016), é assumir o risco de não obter reconhecimento mesmo tendo produzido obras literárias tão boas quanto aquelas que compõem o seletto cânone. Pois, os 56% que lê tende a priorizar os autores já consagrados, ou então, os escritores de best-sellers. Tornar-se escritor da literatura afro-brasileira significa transgredir a cultura dominante à medida que arte se democratiza e conforme Santiago (2004), modifica a concepção de literatura dantes.

Tradicionalmente masculina e branca, a atividade de escritor embora hoje mais democrática, no sentido de estar sendo realizada por sujeitos que outrora eram impedidos de criar uma expressão literária particular, continua tendo quase que o mesmo perfil. Desde que se criou uma historiografia literária brasileira, somente meados do século XIX nota-se a presença de escritores(as) negros(as). A partir do século XX mulheres negras rompem as barreiras de gênero e raça, ficando na literatura a voz autoral afro-feminina, até então obnubilada pelas forças de dominação racista, sexista e classista. Assim, a literatura afro-brasileira fora pensada justamente com o intuito de fazer do discurso literário o lugar da diferença, em que se cria pela destruição, se destrói pela criação, segundo Santiago (2000).

Muitas autoras negras não escolhem o trabalho de escritora como a sua vocação o faz, às vezes, por lhe ser necessário à defesa de suas convicções político-ideológica. Embora escreva, elas

receiam declarar-se escritora, porque desenvolve paralelamente outras funções senão a de produtora literária, devido à impossibilidade de viver apenas da publicação de suas obras. Na verdade, tem sido o exercício de outra profissão que vem possibilitando o surgimento de inúmeras escritoras, que caso não dispusesse de recurso financeiro para custear as despesas de um trabalho gráfico editorial, muito provavelmente engavetaria seu texto, igual fizera Conceição Evaristo com Ponciá Vicêncio, antes de custear do próprio bolso as despesas da edição.

OS DESAFIOS DA PUBLICAÇÃO: ESCRITORAS NEGRAS NO MERCADO EDITORIAL BAIANO

O *Jornal Grande Bahia* constatou que 40 % das autoras negras baianas não conseguem publicar livros, situação que se repete em todo o país, haja vista as dificuldades para convencer as editoras comerciais a lançar livros de autores desconhecidos. O mercado editorial brasileiro como qualquer empresa visa obter lucros, portanto seleciona as obras com esse fim. Conforme dados do *Jornal Grande Bahia*, uma tiragem média de 3.000 livros vendidos a R\$ 35 reais cada, rende a um escritor no Brasil cerca de R\$ 500 reais mensais, que equivale aos 10% a ele destinado caso tenha sido a editora quem custeou a edição. Entretanto, o autor pode arcar com os custos da edição e ficar com 30% a 40% ou ser patrocinado e receber o valor dos direitos autorais antecipado, como explicou uma das editoras entrevistadas por Calila Oliveira (2016).

Na Bahia, segundo Calila, 60% das escritoras negras baianas têm livros publicados, todavia grande parte deles financiados por elas próprias e vendido de mão em mão, sem que recebam ao menos os 10% por capa. Isto porque, a cadeia produtiva de um livro requer muitos investimentos, inclusive na última etapa, quando as livrarias se incumbem de expor os livros nas vitrines por preços nada convidativos. De acordo reportagem da Folha de São Paulo (2006), redes como Fnac, Saraiva, Livraria Cultura e Laselva estabelecem preços para colocar livros em destaque, que variam entre R\$ 700 a R\$ 2.000, dependendo do local e do tempo de exposição, explicando o porquê as escritoras baianas preferem vender suas obras em eventos acadêmicos, feiras literárias, bienais ou, por vezes, divulgá-las nas redes sociais.

Em 2016 a editora UEFS publicou os resultados das pesquisas de Calila Oliveira, Raquel Galvão e Roberto Seidel a respeito das editoras baianas. Nesse estudo houve a constatação de que 58% das editoras na Bahia localizam-se em Salvador, enquanto 42% estão espalhadas pelas demais cidades do Estado. Entre os principais gêneros literários publicados, a poesia é a mais lançada, à frente do romance e contos, por exemplo. Dentre os temas mais presentes nas publicações nota-se aqueles destinados ao segmento infanto-juvenil, “um dos setores de maior venda das editoras” (PEREIRA, 2016, p. 443).

Ao contrário do que fizeram os pesquisadores da UEFS, o presente trabalho não pretende mapear todas as editoras existentes na Bahia, porém levantar quais editoras baianas publicaram obras de escritoras negras nos últimos oito anos. Por isso far-se-á um levantamento de quantas obras foram publicadas nesse período, por qual editora, e sob a autoria de quem. Visa com isto, não só conseguir determinar o contingente de mulheres negras escrevendo, mas, sobretudo, pôr em evidência o conjunto de produções literárias muito representativas no bojo da literatura brasileira.

Dentre as escritoras negras presente nesse mapeamento, algumas são mais conhecidas, outras nem tanto, contudo, todas possuem uma escrita militante e engajada em se tratando de criar uma política no texto literário, sem anular a política inerente a ele. Todas possuem formação universitária e busca na literatura mudar a sociedade através das palavras. Geralmente, divulgam seus textos nas plataformas digitais, onde conseguem com mais facilidade atingir um número maior de leitores de diversos perfis, inclusive os que estiverem alheios às discussões em torno das problematizações de raça, gênero e classe, como frequentemente ocorre na textualidade afro-feminina.

Quanto ao gênero literário, verificou-se que boa parte delas escreve poesias ou contos, apenas algumas poucas escreve novela, pois, em tempos de excessos provocados pelas tecnologias, gêneros maiores não despertam o interesse dessa geração acostumada com a brevidade dos textos. A medida que os nomes das autoras e de suas respectivas obras forem sendo mencionados neste trabalho, ficará evidente que na Bahia há uma gama de mulheres negras fazendo literatura, seja do ponto de vista estético seja do ponto de vista semântico.

Decerto, na última década houve um aumento significativo de mulheres negras baianas no círculo literário, mas a literatura afro-baiana não surge a partir disso. Desponta já no século XX com Aline França, a poeta e romancista de Teodoro Sampaio – BA. A primeira obra publicada por Aline França foi a novela *Negão Dony* (1978), pela Prefeitura de Salvador. Em 1985, lança o seu segundo livro, intitulado de *A mulher de Aleduma*, pela Ianamá. Com esta obra, além de ser reconhecida entre os críticos baianos, a revista nigeriana a coloca entre os precursores da literatura contemporânea, no gênero “ficção em estilo surrealista”. Publica em 1993 *Os Estandartes*, pela Littera, consagrando-se uma das expoentes da literatura negra na Bahia.

Também escritora desde o século passado, Fátima Trinchão, natural de Euclides da Cunha e licenciada em Letras Francês, inicia sua carreira na literatura publicando em 1978, a poesia “Contemplação de uma vida”, no jornal *A tarde*. Depois publicou o conto “Roda viva” (1979) e o poema “Deus” (1985), no mesmo jornal. Participou das seguintes antologias: *Antologia Poética Hagozah* (1986), organizada pela editora Contemp; *Antologia Poética Versos e Rimas* (2006), editora Òmnira. Possui textos publicados na obra *Bahia de Todos em Contos*, bem como na antologia *Salvador 460 anos de poesia*, ambos da editora Òmnira. Nos *Cadernos Negros* publicou contos nas

edições 32 e 34, entre 2009 a 2011. A poeta e contista Fátima Trinchão, “tem uma escrita permeada de misticismo, memórias e lirismo” (SANTIAGO, 2012, p. 80), que resgata a ancestralidade africana.

Embora essas duas poetisas anteriormente citadas não façam parte do recorte temporal estabelecido nesta pesquisa, por serem, de certo modo, pioneiras na criação de uma literatura afro-baiana, são referenciadas com a finalidade de mostrar a existência de um mercado editorial baiano, menos hegemônico, responsável por trazer à baila narrativas plurais. No período delimitado, entre 2010 a 2018, há um número significativo de mulheres negras publicando ou escrevendo para realização de saraus, assim, buscando atender aos objetivos desta pesquisa, escritoras importantes para literatura contemporânea brasileira serão citadas, a começar por Alessandra Sampaio, poeta e contista de Feira de Santana, graduada em Letras com Inglês e pós-graduada em Estudos Literários.

Atuando como professora de Língua Portuguesa no município de Camaçari e na rede estadual de ensino da Bahia, Alessandra Sampaio encontra tempo para escrever suas poesias, as quais aparecem publicadas na coletânea *Cadernos negros*, número 39 (2016), seus contos afro-brasileiros, publicados na edição seguinte da mesma série. Quem também publicou nos *Cadernos negros*, volume 40, foi a poetisa de Entre Rios, Aline Soares. Licenciada em História, ela é uma ativista que escreve contos e poemas eróticos na tentativa de insurgir-se por meio da literatura. Atualmente mantém uma página nas redes sociais, denominada de “Diário de uma Mãinha”, onde relata os amores e dissabores da maternidade.

Licenciada em Letras, mestra em Crítica cultural (UNEB), a soteropolitana Ana Fátima dos Santos como muitas de suas contemporâneas, publica em coletivos literários. Tem poemas publicados no site da Fundação Palmares (2010); Revista Entrelinhas (2015); publicou nas Antologias *Cadernos Negros* vol. 37, 38 e 39, (2014-2016) e *Mulher Poesia I e II* (Cogito, 2016-2017). De Santo Estevão, Bahia, a escritora Érica Azevedo conseguiu publicar não só em coletâneas, mas também individualmente. Seu primeiro livro, *Vida em poesias*, lançado pela Edições MAC, em 2002, abriu caminho às obras seguintes, *Outros Eus*, (Kalango, 2013); *A chuva e o labirinto*, (Mondrongo, 2017).

A arte para Jocélia Fonseca, poeta de Juazeiro, BA, e autora do livro *Importuno Poético*, publicado em 2012 pela editora Muttigrافي, é onde se pode fazer intervenções políticas e tem sido no âmbito artístico que Jovina Souza busca intervir na realidade do negro no Brasil. Autora da obra *Agdá*, coincidentemente publicada pela Mondrongo, também em 2012, Jovina Souza divulga suas demais produções em seu blog literário. Lidiane Ferreira, ao contrário das poetisas anteriores, ainda não escreveu um livro solo, entretanto contém textos publicados na *Antologia Poética do Servidor Público Estadual* (2015) e no livro *Enegrescência Coletânea Poética* (2016), da Editora Ogum’s Toques Negros.

Paralelo a atividade de professora na Universidade do Estado da Bahia, Lilian Almeida escreve poesia, conto e crônica. *Todas as cartas de amor* (2014), é seu único livro de ficção, publicado pela Quarteto Editora, mas em conjunto, tem participação na obra *Além dos quartos: coletânea erótica negra Louva Deusas*, (2015), organizado pelo Coletivo de mulheres negras Louva Deusas. Em sítio eletrônico compartilha seus escritos prosaicos e poéticos de cunho militante. Uma das mais respeitadas escritoras baianas entre os críticos literários, a professora Livia Natália venceu o concurso Banco Capital de Poesia, com a obra *Água Negra* (2010), livro reeditado pela Caramurê publicações em 2016. O segundo livro da poeta, *Correntezas e outros estudos marinhos* (2015), da editora Ogum's Toques Negros traz o polêmico poema Quadrilha. A sua última publicação, *Dia bonito pra chover* (2017), da editora Malê, é o único à venda em livrarias importantes do país.

Embora pouco conhecida, mas nem por isso menos importante, a poeta, contista, atriz e professora Rita Santana começou a sua carreira literária desde 1993, quando publicava contos no *Diário da Tarde*, de Ilhéus, sua terra natal. Ao longo de sua trajetória como escritora, trouxe à públicos três importantes obras, uma de conto, as outras duas de poesias, nesta ordem: *Tremela* (2004), pela Casa de palavras; *Tratado das veias* (2006), pela editora Selo Letras da Bahia e por último *Alforrias* (2012), pela Editus.

Apesar das dificuldades para ser escritora, as mulheres negras insistem e resistem a invisibilidade, ou por vezes ao silenciamento a elas imposto, Vania melo é uma prova disto, mesmo com todo retrocesso após o golpe de 2016, faz-se vaga-lume e com lampejos de arte e poesia sobrevive a barbárie. O seu livro, "Sobre o breve voo da borboleta e suas esquinas", lançado pela editora organismo, é em si luminescência, no sentido posto em a Sobrevivência dos vagalumes, de Georges.Didi-Huberman.

CONCLUSÃO

Nesse trabalho ficou evidente que todas as escritoras negras baianas citadas publicam seus escritos e ainda que a maioria não tenha obras individuais publicadas, é notória a existência de um projeto literário individual. Esse mapeamento deixou de fora algumas escritoras que ainda estão se construindo enquanto tal, mas que podem ser localizadas no projeto escritoras negras da Bahia, (<https://escritorasnegras.com.br/sobre/>). Muitas destas escritoras se apresentam em saraus, dentre os quais se destacam o Sarau da Onça e Sarau do Goethe. Com este levantamento foi possível mapear mapeadas 11 escritoras negras baianas e 10 editoras que estão publicizando a literatura afro-feminina. Esses dados demonstram o papel das editoras menores para que escritoras subalternizadas possam publicar seus escritos e assim fazer circular outras representações dos contextos sociais.

REFERÊNCIAS

- AUGUSTO, Carlos. *Jornalista lança mapeamento de escritoras da Bahia*. JGB, 27 de junho, 2017. Disponível em: <http://www.jornalgrandebahia.com.br/2017/06/jornalista-lanca-mapeamento-de-escritoras-negras-da-bahia/>.
- CARIELLO, R.; LIMA, I. M.; SIMÕES, E. *Livrarias cobram para dar destaque nas vitrines*. Folha de S. Paulo, São Paulo, 12 de mar. 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1203200606.htm>.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Trad. Consuelo Salomé. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. *Literatura Negra Infanto-Juvenil: Discursos afro-brasileiros em construção*. *Interseção*, v. 18, n. 2, p. 431-457, dez. 2016.
- Retratos da leitura no Brasil 4/ organização de Zoara Failla. Rio de Janeiro: 2016.
- SANTIAGO, Ana Rita. *Vozes literárias de escritoras negras*. Cruz das Almas/BA : UFRB, 2012.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SANTIAGO, Silviano. *Democratização no Brasil 1979-1981: Cultura versus Arte*. In: *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- SEIDEL, R. H.; GALVÃO, R. M.; OLIVEIRA, C. M. *Econocriativa: mapeamento e diagnóstico das editoras baianas*. Feira de Santa: UEFS Editora, 2016.